

Pavan quer fim de retaliações

Clodowaldo Pavan propõe para OEA uma política de produção científica

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

Uma política que conduza ao aumento do poder de produção científica e tecnológica dos países do continente é o que planeja implementar o novo presidente, recentemente empossado, de Comitê Interamericano de Ciência e Tecnologia da Organização dos Estados Americanos e presidente do CNPq, Clodowaldo Pavan. Essa política prevê o fim das retaliações comuns no relacionamento entre Estados Unidos e os demais países e a criação de empresas multinacionais com a participação de dois ou mais países latino-americanos. O principal objetivo de Pavan é permitir aos países das Américas continuarem à frente na disputa do desenvolvimento tecnológico que empreendem com os povos orientais.

A associação do capital dos países americanos, especialmente em relação aos EUA, deve ser orientada de modo que, no Brasil, não haja a "entrega, de graça, do mercado interno. Queremos tirar proveito da



Pavan: países americanos associados

entrega do mercado". A forma como essas empresas devam ser constituidas, segundo Pavan, é um trabalho que cabe aos economistas.

O Comitê Interamericano de Ciência e Tecnologia, por determinação da Assembléia Geral da OEA, iniciou, dias atrás, avaliação do trabalho da organização no setor. Embora deva estar concluída apenas no final de abril, Pavan adiantou que já se chegou ao con-

senso de que grande parte do emprego da verba da OEA foi desvirtuado. "Em vez de utilizá-la em projetos de cooperação multinacional entre os países da América, o dinheiro foi distribuído para atividades internas." Caso não se altere essa realidade, de acordo com Pavan, a supremacia no desenvolvimento científico e tecnológico caberá, brevemente, aos países orientais do Pacífico: Japão, URSS, China, Taiwan, Singapura, Coreia do Sul, entre outros. Com os povos da América separados, assegurou o presidente do CNPq, nem mesmo os Estados Unidos agüentarão a competição. "Por tudo isso, é importante estimular a interdisciplinaridade e a multinacionalidade dos projetos", ressaltou.

A utilização das verbas da OEA é aspecto fundamental. O Comitê Interamericano de Ciência e Tecnologia, assim como o de Educação e o de Cultura, é responsável pela avaliação dos projetos e distribuição dos recursos. No processo de avaliação dos resultados dos últimos vinte anos, serão definidos os novos parâmetros de distribuição e os mecanismos internos de funcionamento do comitê.

VANTAGEM DO BRASIL

A vantagem para o Brasil da política que Pavan propõe no Comi-

tê Interamericano de Ciência e Tecnologia, setor em que se situa privilegiadamente, depois dos EUA e do Canadá, é que terá condições de obter mais informação. Por outro lado, a cooperação entre os países americanos é vantajosa por auxiliar a criação do pólo que competirá com os países orientais.

Atualmente, os recursos da OEA são aplicados internamente nos países - membros. No caso do Brasil, chegam US\$ 700 milhões por ano. Estes projetos de âmbito interno, na opinião de Pavan, deveriam ser desenvolvidos com recursos das instituições governamentais de incentivo à pesquisa, como o CNPq, Finep e outros.

A situação do CNPq, atualmente, em termos orçamentários, é favorável. Mesmo com a crise, 87 foi o melhor entre os 37 anos de história do CNPq, em relação ao número de bolsas, ao seu valor, aos auxílios e programas. "O governo tem dado apoio", afirmou Pavan. Em 1986, o orçamento do CNPq contou com US\$ 117 milhões. Em 1987, a cifra se elevou para US\$ 230 milhões. Neste ano, o CNPq espera chegar à casa dos US\$ 460 milhões. E isto não é suficiente, como destacou o presidente do CNPq: "Nos próximos cinco anos, para chegar apenas perto dos países desenvolvidos, devemos multiplicar por dez o número de projetos e pesquisas".